



Depois de compreender a leitura dos gestores sobre o Impacto da Pandemia nas suas empresas, a XZ dá Voz às Associações Empresariais

A entrevista com: Rui Marques da ACB

Conheça a perspetiva destes atores sobre o efeito da crise na sustentabilidade das organizações.



Ficha técnica

Título

A Voz das Associações Empresariais sobre o efeito da crise na sustentabilidade das Organizações

Direção técnica

XZ Consultores, S.A

Data de edição

5 de agosto de 2020

Local de edição

Braga, Portugal

Entrevista à Associação Comercial de Braga

A ACB é a associação que agrega e representa todos os setores de atividade económica da região de Braga, nomeadamente Indústria, Comércio, Serviços e Turismo.



RUI MARQUES
Diretor Geral

Como Associação Empresarial, como avalia o impacto da pandemia:

Na sustentabilidade dos vossos Associados?

Na dimensão mais interna, enquanto associação empresarial veio naturalmente dificultar imenso a sustentabilidade da nossa associação, na medida em que as empresas vivem um momento de grande dificuldade, onde a palavra de ordem é reduzir, ou seja, cortar custos. Há muito a tentação de cortar custos onde se possa e muitas vezes é até nas associações empresariais. Até à data não temos sentido felizmente um movimento de saída de associados, mas eu diria também que isso não aconteceu porque nós agimos preventivamente. Ou seja, as cobranças que temos mensais ou trimestrais, naquele período mais crítico da quarentena, isto é, quando os negócios estiveram encerrados, nós suspendemos a cobrança.

Ainda assim, aquilo que nós percebemos é que isto vai destruir empresas, julgo que não se fez sentir como num primeiro momento se pensou naquele período de confinamento, porque de facto houve muito alarme social, pensou-se que as empresas não aguentariam dois meses fechadas. No entanto, com maior ou menor dificuldade, com as ajudas do governo, com alguns atrasos, a verdade é que na generalidade dos casos, as empresas conseguiram ultrapassar essa dificuldade.

A partir de agora e até ao final do ano, entraremos naquele que verdadeiramente nos parece ser o período mais difícil, no sentido em que mês após mês os negócios sofrem aquilo que é o chamado défice de exploração, ou seja, as receitas que fazem não são suficientes para cobrir os custos fixos, o que leva a que as empresas tomem medidas drásticas, quer seja despedir pessoas, quer seja, no limite, encerrar empresas.

Na preservação ou criação de postos de trabalho?

Do ponto de vista dos postos de trabalho, temos notado que até à data foram os vínculos de trabalho mais precários que foram os primeiros a sofrer a crise, que viram expirar os seus contratos a termo e a possibilidade de passagem para os quadros. No concelho de Braga, o que percebemos é que mais de metade dos novos inscritos no IEPF são precisamente estes casos de contratos a termo e a não termo. Existiram já despedimentos, seja por iniciativa do trabalhador, seja por iniciativa do empregador, mas felizmente até à data esta evolução não foi muito dramática. Aconteceu, são números obviamente preocupantes, mas julgo que ainda não atingimos o pico. Mais uma vez parece-

nos que o horizonte temporal de um ano, provavelmente, vai ser dos momentos mais difíceis. Portanto, é uma questão que é necessário acompanhar e é importante que o governo continue a criar mecanismos de proteção do emprego. O que nos parece é que os postos de trabalho que agora se percam, não se vão conseguir retomar com muita brevidade, portanto consideramos que vale verdadeiramente a pena ajudar nesta altura os trabalhadores e as empresas a proteger estes postos de trabalho, pois o custo será muito superior se estas pessoas passarem então para uma situação de desemprego.

Na criação de novos negócios?

Ao nível do empreendedorismo, houve um claro arrefecimento da criação de novos negócios. Continuam a existir, mas é curioso que, apesar de tudo, a área de atividade que nós sentimos que mais empreendeu continua a ser a área da restauração, mas a verdade é que se sentiu um arrefecimento muito significativo deste processo. Neste momento o ambiente é hostil e, portanto, as pessoas que tivessem intenção de investir de novo, isto é, de empreender, estão a atrasar as suas intenções de investimento e a expectativa é que continue assim.

Considera que o impacto da pandemia já foi completamente sentido pelos vossos Associados? Ou será mais profundo agora e até ao final do ano?

Enquanto associação, parece-nos claramente que o período mais crítico ainda se encontra por vir e não estamos a falar tanto de uma questão de saúde pública, pois acreditamos que provavelmente o período mais grave foi nestes primeiros dois ou três meses, mas parece-nos que do ponto de vista da atividade económica, esta retoma lenta que está a acontecer e este défice de exploração se vai continuando a sentir, e nós aqui no nosso território temos muitos negócios que são influenciados pelo turismo, pelo que vai implicar bastante tempo a retomar os valores anteriores à crise. Portanto, parece-nos que o horizonte temporal até ao final do ano e primeiro semestre de 2021 será provavelmente o período mais difícil. Difícil é também adivinhar o final da crise, não sabemos quando teremos uma vacina, não sabemos se vão surgir novos surtos... mas percebemos recentemente que depois de desconfinar, estávamos com uma progressão e uma velocidade de retoma a acontecer, que era a que era, mas de repente surgiu um surto novo em Lisboa e Vale do Tejo que prejudicou o país inteiro e notou-se de imediato uma retração no consumo por parte das pessoas e dos empresários também, baixando de imediato os níveis de confiança e obviamente que a atividade económica se ressentiu.

(...) o próximo outono/inverno será decisivo, mas mesmo que surjam novas vagas, ainda que não nos pareça que vá acontecer, o país não tem capacidade de efetuar uma nova paragem igual ou semelhante a que se assistiu da primeira vez. A acontecer uma nova vaga, será necessário tomar novamente medidas drásticas, mas que naturalmente serão diferentes da primeira vez.

Quais os instrumentos e apoios que considera imprescindíveis para mitigar o impacto da pandemia no tecido empresarial?

Eu diria que destacadamente a medida mais importante foi claramente o lay-off. Ao nível da proteção dos postos de trabalho, definitivamente esta foi a mais relevante e que teve maior adesão por parte das empresas.

Num segundo nível, temos outras medidas relacionadas com liquidez, quer de concessão de financiamento, quer de juros simplificados, quer as moratórias bancárias, que ajudaram a retirar alguma pressão da tesouraria no imediato.

Num terceiro nível de menor importância, e com menos adesão, tivemos a flexibilidade que foi introduzida para o cumprimento das obrigações fiscais e contributivas, mas que foi, provavelmente, das medidas menos procuradas e utilizadas pelas empresas.

Apesar de tudo, mantém-se a necessidade de continuar com estas medidas de forma a proteger o emprego, até porque os custos com o pessoal continuam a ser dos encargos fixos mais relevantes nas organizações e a questão da liquidez que continua a ser uma enorme dificuldade para que as empresas continuem a realizar a sua atividade e cumprir com as suas obrigações, seja com fornecedores, seja com parceiros, seja ao estado e portanto, torna-se importante que sejam introduzidas novamente no mercado as linhas de crédito que já foram anunciadas, mas que têm de passar das promessas à operacionalização.

Além disso, a inovação de novos produtos/serviços foi provavelmente dos fatores mais críticos para a sustentabilidade e capacidade de resposta das organizações e aí eu diria que a resposta foi diversa, muito em função da agilidade, qualificações e competências das empresas e, de uma forma geral, acho que isto está no ADN dos portugueses, nós lidamos bem com o imprevisto, pois muito embora isto não estivesse planeado, rapidamente assistimos a que muitas empresas conseguissem na área da indústria reformular os processos de fabrico, passando inclusive a produzir álcool em gel e máscaras. Assistimos também na restauração a muitas empresas alterarem os seus processos de trabalho para poderem passar a trabalhar em regime de takeaway.

Há setores que tiveram mais dificuldade, nomeadamente o comércio e os serviços, eu diria que na área da digitalização do negócio foi onde se sentiu mais dificuldade, não é que a tecnologia não exista, nem que não esteja acessível, porque está, existe e é acessível, mas existe esta grande lacuna nas competências das pessoas, e isto resolve-se, em primeiro lugar, formando e qualificando os recursos. É preciso naturalmente que estejam predispostas para esta mudança, mas eu diria que é vital perante esta crise os empresários adquirirem este sentido de responsabilidade, não chega pedir ajuda ao governo, é necessário a agilidade de tentar reinventar o negócio. Felizmente temos muitos casos que conseguiram, outros nem tanto e que certamente são estes que neste momento enfrentam maiores dificuldades.

Durante o período de encerramento dos estabelecimentos, a solução era ter o digital a funcionar. Este processo não é fácil, é lento e necessita de competências. No entanto, há uma percentagem considerável de empresas que conseguiu migrar o seu negócio com grande rapidez e disponibilizar uma oferta sólida, sustentável e eficaz, para de facto fazer daquilo uma real oportunidade.

De acordo com a vossa leitura, e relativamente à região na qual estão inseridos:

Qual a vossa estimativa em termos da taxa de desemprego?

Aquilo que temos assistido é que de março para a frente temos tido mês após mês um crescimento do número de desempregados inscritos no IEF, e no sentido inverso o número de ativos a descontar para a Segurança Social está a diminuir. No entanto, Braga não é sequer dos concelhos da região Norte que mais assistiu a este crescimento, pois beneficia da grande diversidade de atividades económicas que tem, ou seja, não tem aqui um peso muito significativo

do setor industrial que nos parece que nesta fase foi um dos setores que foi mais dispensando pessoas. Já no turismo, como temos muitas empresas de micro e pequena dimensão também ainda não se está a sentir um volume muito significativo de perdas de postos de trabalho, porque de facto as empresas também não têm por onde cortar. Assiste-se efetivamente a um crescimento e, certamente, até final do ano vamos continuar a ter uma evolução preocupante, mas acreditamos que o período mais difícil do ponto de vista da taxa de desemprego terá sido aquele que vivemos até agora. Após os meses de verão, no turismo há de se sentir também um fenómeno de crescimento e outra janela que nos parece preocupante será depois a transição do ano.

(...) sem grandes projetos de investimento à vista, a tendência é para que a taxa de desemprego suba.

Qual a vossa estimativa em termos da perda de volume de negócios?

Em termos de perda do volume de negócios, claramente que será mais crítico. Com as fronteiras fechadas, parece-nos que a queda será mais abrupta. Desde que começamos a desconfinar sentimos uma retoma da atividade económica que se caracteriza por ser lenta e dependente da gestão da saúde pública, mas que está a acontecer. Os níveis de quebras de faturação face aos meses homólogos estão a diminuir, mas obviamente estamos a falar de uma forma genérica. Há setores que estão a reagir de maneira diferente, temos setores que até estão a crescer face ao ano passado, não são muitos, mas existem. E ainda outros setores que são muito mais sensíveis à crise, como o turismo, que apresenta as maiores dificuldades.

Qual a vossa estimativa em termos de projetos de empreendedorismo?

Este é um período difícil para lançar projetos, não existe muita confiança por parte dos investidores, assistindo-se a um bloqueio para empreender. As entidades que eventualmente também estão disponíveis para financiar, neste momento não estão recetivas, ou pelo menos, não tão recetivas, pois o ambiente não é o melhor.

Se olharmos para a cidade, não há um número sequer significativo de novos espaços. Parece-me que neste momento existe aqui alguma estabilização, ou seja, há negócios que vão fechando e há outros que os vão substituindo. Estamos num momento mais estagnado, em que os novos que abrem suprem o encerramento dos outros.

Copyright @ XZ CONSULTORES. 2020. Todos os direitos reservados.

Para mais informações

www.xzconsultores.pt | geral@xzconsultores.pt